

E AI,  
QUE IMPACTO VOCE  
VAI GERAR?



**AB SABIN**  
10 anos criando descobertas

**AS COLEGIO ALBERT SABIN**  
25 anos criando oportunidades

# cultura & informação A REVISTA DO SABIN

2º trimestre letivo 2018 – ano XXIV – nº 70

# AB Sabin: 10 anos de história

Na última edição desta revista, nosso fundador e mantenedor escreveu que não podia afirmar com segurança, 25 anos atrás, que o Sabin chegaria aonde chegou – à posição de uma das melhores escolas da cidade de São Paulo –, ainda que já tivesse clareza quanto aos objetivos e valores fundamentais do Colégio. Como diretora pedagógica do AB Sabin, a “escola-irmã-mais-nova” do Sabin, inaugurada há 10 anos, sei que iniciamos nossa jornada com um caminho bem mais seguro à nossa frente. Se o Sabin tinha os valores como norte, nós tínhamos o projeto bem-sucedido do Sabin a nos nortear. O que não significa dizer que não tivemos nossos próprios desafios e conquistas.

O AB Sabin oferecia, desde o início, alguns dos mesmos fatores de qualidade que haviam levado ao sucesso do Sabin. A começar por um projeto pedagógico que promove a ludicidade e a curiosidade como vetores de descobertas. Nossa concepção é a de que é a criança que constrói o conhecimento ao interagir com o mundo – com colegas, com professores e com o meio –, cabendo ao professor promover e mediar essas interações para que sejam motivadoras e significativas. Promover o brincar e a investigação, mas com intencionalidade.

Em segundo lugar, tínhamos e temos compromisso com a qualificação de nossa equipe. Desde o início, todos os nossos professores não apenas têm pós-graduação em alguma área da Educação e experiência docente, como são incentivados a continuar avançando em sua formação, por meio de cursos de extensão e assessorias, em áreas como Língua Portuguesa, Matemática, Psicomotricidade, Música, Educação Física e Educação em Sustentabilidade.

Havia, ainda, o sentido de coletividade herdado do Sabin, em que todos creem na mesma proposta, pela qual se encantam. O que só foi possível graças ao período de imersão que fizemos no Sabin antes de inaugurarmos, durante o qual fomos acolhidos sem restrições por todos. Esse alinhamento no encantamento era e segue sendo fundamental para a qualidade da educação que promovemos.

Mas, se é verdade que herdamos tudo isso do Sabin, também é verdade que, ao longo desses 10 anos, o AB Sabin construiu uma identidade própria. A começar pela infraestrutura, projetada especificamente para uma escola do nosso tamanho e propósito – pequena, acolhedora, confortável, segura; plenamente adequada à faixa etária dos nossos alunos, do mobiliário das salas de aula aos equipamentos dos banheiros, dos pátios ao nosso bosque lateral, que propicia brincadeiras e lições valiosas, além de um contato importantíssimo, cada vez mais raro, das crianças com a natureza.

Em segundo lugar, houve a imprescindível adesão das famílias ao nosso projeto. Nesses 10 anos, criamos vínculos profundos com pais e mães que abraçaram e ajudaram a fortalecer a nossa escola; relações de muito afeto, proximidade e participação ativa de todos. Dessa parcela da história, que é única ao AB Sabin, as famílias foram tão construtoras quanto nós.

E seguirão sendo, pelos anos que virão. Porque, ao celebrarmos o que fomos capazes de conquistar até aqui, anunciamos também a nossa vontade renovada de continuar avançando. De seguir caminhando junto ao Sabin, mas construindo nossa própria história, sonhando novas conquistas.



**Mônica Mazzo**  
Diretora pedagógica  
do Colégio AB Sabin  
mmazzo@absabin.com.br



## Informar-se, participar, impactar

Revista do Sabin, 2º trimestre letivo 2018  
ano XXIV – nº 70  
**Alunos da capa** (na foto acima, a partir de trás):  
**Manuela Picionieri**, 5º E; **Vitor Silva**, 3º D;  
**Nicholas Koide**, 3º D;  
**Natália Oliveira**, 4º E;  
**Beatriz Roveratti**, 5º E.

4+5



### + Conversa Paralela

O que significa o Sabin ter o selo “Escola Digital Segura”

6+7



### + Infantil e Fundamental

O que muda com a nova Base Nacional Comum Curricular

8+9



### + Infantil e Fundamental I

Como a biblioteca escolar ajuda a formar leitores

10+11



### + Ensino Fundamental II

Alunos do 9º ano fazem documentários sobre direitos humanos

12+13



### + Ensino Médio

Colégio promove rodas de diálogo de alunos com psicólogo

14+15



### + Idiomas

O Sabin não precisa ser bilíngue para promover o bilinguismo

16+17



### + DataSabin

O Sabin em números

18+19



### + Livre Expressão

Alunas refletem sobre a internet como fonte de informação

20



### + Encantamento

As lições do Impacta Sabin sobre empreendedorismo social

## EXPEDIENTE

A Revista do Sabin é um órgão de comunicação dos Colégios Albert Sabin e AB Sabin.

**Colégio Albert Sabin.** Av. Darcy Reis, 1.901, Parque dos Príncipes, São Paulo/SP – (11) 3712.0713 – www.albertsabin.com.br –  
**Colégio AB Sabin.** Av. Martin Luther King, 2.266/2.280, São Francisco, São Paulo/SP – (11) 3716.5666 – www.absabin.com.br –  
**Mantenedores:** Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima **Direção pedagógica:** Giselle Magnossão (Albert Sabin), Mônica Mazzo (AB Sabin) **Direção administrativa:** Fernando A. Mello **Marketing:** Adriana Vaccari **Colaboradores:** Áurea Bazzi, Denise Araújo, Dionéia Menin, Giselle Magnossão, Laércio Carrer, Mônica Mazzo **Projeto e coordenação editorial:** Bandeira 2 Comunicação Ltda. **Jornalista responsável:** Alexandre Bandeira (MTb 49.431) **Designer:** Giovanna Angerami **Ilustradora convidada:** Kelen Linck (pág. 12) **Fotografias:** Rodrigo Jacob **Revisão:** Adriana Duarte, Denise Masson **Produção gráfica:** Ricardo Gomes **Moisés Impressão:** Flor de Acácia – 5.000 exemplares. **Distribuição gratuita.** 2º trimestre letivo 2018.



**Patrícia Peck**

Advogada especialista em Direito Digital

## “Tecnologia na sala de aula está ali para ajudar”

HÁ QUEM VEJA COM DESCONFIANÇA A ADOÇÃO DE CELULARES E TECNOLOGIAS DIGITAIS DIVERSAS NO PROCESSO PEDAGÓGICO. ESSE NÃO É O CASO DA DRA. PATRÍCIA PECK PINHEIRO. ADVOGADA RECONHECIDA INTERNACIONALMENTE COMO AUTORIDADE EM DIREITO DIGITAL – ELA ATUA COMO PESQUISADORA E PROFESSORA DA ÁREA EM INSTITUIÇÕES DO BRASIL, CHILE, ESTADOS UNIDOS, ALEMANHA E PORTUGAL –, PATRÍCIA SABE DAS OPORTUNIDADES QUE TAIS TECNOLOGIAS CRIAM PARA O MUNDO MODERNO, EM ESPECIAL PARA A EDUCAÇÃO, MAS NÃO IGNORA OS CUIDADOS QUE PRECISAM SER TOMADOS. “OU A TECNOLOGIA NA SALA DE AULA ESTÁ ALI PARA AJUDAR, OU PARA ATRAPALHAR, NÃO EXISTE MEIO-TERMO”, JÁ DECLAROU A ADVOGADA, PARA QUEM “A UTILIZAÇÃO INDEVIDA” DE RECURSOS DIGITAIS NAS ESCOLAS “PODE GERAR DESDE DISPERSÃO DO ALUNO ATÉ A OCORRÊNCIA DE INCIDENTES COMO CYBERBULLYING OU EXPOSIÇÃO DEMASIADA DA INTIMIDADE”. PARA COMBATER TAIS RISCOS, EM 2010, PATRÍCIA CRIOU O INSTITUTO ISTART, QUE DISSEMINA CONTEÚDOS SOBRE ÉTICA E SEGURANÇA DIGITAL – COMO ÉTICA EM REDES SOCIAIS, PROTEÇÃO DE PRIVACIDADE, LIBERDADE DE EXPRESSÃO COM RESPONSABILIDADE – PARA MAIS DE 400 ESCOLAS NO BRASIL. UM DOS PILARES DO INSTITUTO É O SELO “ESCOLA DIGITAL SEGURA”, DO QUAL O SABIN DISPÕE DESDE 2015. TRATA-SE DE UMA CERTIFICAÇÃO COM BASE NA AVALIAÇÃO DE MAIS DE UMA CENTENA DE INDICADORES, QUE VÃO DESDE A INFRAESTRUTURA TECNOLÓGICA DISPONÍVEL PELA ESCOLA E A CONFORMIDADE COM A LEGISLAÇÃO VIGENTE ATÉ A EXISTÊNCIA DE AÇÕES DE EDUCAÇÃO DIGITAL PARA TODA A COMUNIDADE ESCOLAR, INCLUINDO AS FAMÍLIAS DOS ALUNOS. O SELO É UMA INICIATIVA QUE BUSCA FAVORECER MAIOR ADOÇÃO DE RECURSOS EDUCACIONAIS TECNOLÓGICOS, MAS DE MANEIRA SEGURA, SAUDÁVEL E SUSTENTÁVEL, COMO A DRA. PATRÍCIA EXPLICA NESTA ENTREVISTA.

### Quais são os incidentes mais comuns relativos ao uso de tecnologias digitais em escolas?

De acordo com pesquisa elaborada pelo Instituto iStart, ao menos 77,7% dos incidentes nas instituições de ensino envolvem conflitos nos grupos de WhatsApp, seja entre alunos, seja entre pais e responsáveis. Os outros incidentes mais comuns são o uso do celular de forma a atrapalhar a aula, que ocorre em 48,1% das instituições pesquisadas, e a exposição demasiada da intimidade, presente em 22,2% dos colégios.

### O iStart promove um uso “seguro, saudável e sustentável” das tecnologias digitais.

#### O que entende por isso?

O uso saudável e sustentável envolve uma boa conduta digital, por uma geração com foco na construção do positivo, e não em fins ilícitos ou de má-fé. A internet tem o poder de perpetuar o conteúdo. É fundamental ensinar o jovem a ter visão crítica, a enxergar que “a moda passa e o conteúdo fica na internet”. Que as atitudes de hoje, na *web*, refletem-se no futuro do indivíduo. Por isso, defendo que a disciplina “Cidadania e Ética Digital” faça parte da grade curricular das escolas, podendo ser ministrada de forma independente ou no contexto de outras disciplinas (com temas discutidos em aulas de História, Geografia, Biologia, Computação, Inglês, entre outras). Isso tem a finalidade de trazer o fundamento comportamental necessário para um indivíduo exercer ao máximo sua liberdade e cidadania na era digital, de forma ética, segura e legal.

### Qual é o papel das famílias na promoção desse comportamento?

O jovem deve ser orientado no uso da tecnologia e, conforme conquiste confiança, responsabilidade, ganhar mais autonomia. Essa orientação é papel dos pais e da escola. O trabalho conjunto de apoiar o início (assistência), usar *software* de controle parental (monitoramento) e ensinar o uso certo (discernimento) permite reduzir grande parte dos incidentes.

### O que os pais estão deixando de ver?

A internet acabou trazendo a rua para dentro da casa das famílias brasileiras. Muitos pais passam o dia no computador, chegam em casa e não querem ver nada de tecnolo-

gia. Acabam por não se inteirar da rotina digital dos filhos. Delegam a orientação para o “grande oráculo Google” ou para a Wikipedia. É importante refletir sobre isso, pois os principais riscos digitais são muito parecidos com os do mundo real. Tem a ver com falar com desconhecidos, sofrer assédio, ter acesso a conteúdo inapropriado para a idade, passar por situação de exposição de intimidade ou mesmo ser vítima de ofensa.

### De quem é a responsabilidade legal sobre incidentes envolvendo conflitos entre alunos e quais são as consequências?

Quem manda mensagens abusivas por *apps* de bate-papo ou por redes sociais pode ser responsabilizado tanto na esfera criminal quanto na cível. Em uma esfera, as penalidades são financeiras, como o pagamento de indenização; na outra, a pena pode envolver prisão. Mesmo a fofoca digital, ainda que não seja ofensiva, pode gerar ações na Justiça. Aí entra a reiteração jocosa das características de uma pessoa, comportamento comum em casos de *bullying*. O crime seria abuso da liberdade de expressão.

### E como a escola deve proceder?

Existem maneiras adequadas de agir. É essencial que a instituição faça o registro no prontuário escolar do aluno e chame seus pais para um diálogo, com assinatura de uma advertência escrita. Deve-se solicitar a retratação formal (que haja pedido de desculpas) por parte do infrator à vítima pessoalmente e a todos os participantes. Sempre a escola deve lembrar que seu papel é educativo e que possui o dever de informar os responsáveis legais de tudo que tiver ciência sobre o bem-estar do aluno (ou eventuais situações que o possam colocar em risco), o que envolve não apenas questões pedagógicas, mas questões sociais, psicoemocionais, de saúde, de relacionamento. O que a escola deve sempre evitar é a omissão, quer seja no sentido educativo-preventivo, quer seja no sentido da contenção do incidente, no momento da ocorrência, em que deve agir no limite do que está a seu alcance e informar imediatamente ao responsável legal, que deve dar andamento às medidas, pois o dever de agir é da família.

Conheça o iStart e o programa “Escola Digital Segura”:  
[www.familiamaissegura.com.br](http://www.familiamaissegura.com.br)

# Atender à base e ir além

A partir de 2019, Sabin e AB Sabin começam a se adequar à BNCC, sem grandes mudanças para pais e alunos.

**No dia 20 de dezembro do ano passado, um importante avanço para a Educação Brasileira, há trinta anos ambicionado, finalmente se concretizou.** Após longo debate, um acordo costurado em diversas etapas e em diferentes fóruns resultou na aprovação, pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Trata-se, conforme o CNE, de “documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais como direito das crianças, jovens e adultos no âmbito da Educação Básica”. Em linguagem simples, a referência definitiva sobre o que todo estudante precisa ter aprendido ao final de cada etapa da vida escolar até o 9º ano (a Base para o Ensino Médio ainda está em discussão). É uma conquista que o País perseguia pelo menos desde a Constituição de 1988, que determinava a fixação de “conteúdos mínimos” escolares para “assegurar formação básica comum” a todos os brasileiros.

O processo, no entanto, ainda não terminou. Agora, o Brasil se deu dois anos de prazo, a partir de 20 de dezembro de 2017, para que a BNCC seja efetivamente implantada. O que significa dizer: dois anos para que a formação de professores pelas universidades, a produção de materiais didáticos pelas editoras e os currículos e projetos político-pedagógicos elaborados por escolas e órgãos de educação no País sejam revistos, atualizados e readequados ao que determina o novo documento.

Não é pouco trabalho, razão pela qual desde o início do ano os gestores e parte da equipe docente do Sabin e do AB Sabin vêm estudando as quase 500 páginas da BNCC – reunindo-se em grupos de estudo, assistindo a palestras e seminários sobre o tema, discutindo com especialistas e profissionais de outras instituições de ensino – para traçar um plano de adequação à Base. A boa notícia é que, em dois anos, é possível fazer as mudanças necessárias de forma gradual, por etapas, sem prejuízos para a formação dos alunos. A melhor notícia é que não serão necessárias tantas mudanças assim.

Segundo Giselle Magnossão, diretora geral dos dois colégios, o principal trabalho da equipe consistiu em cotejar minuciosamente, ponto a ponto, o que é pedido pela BNCC com o que já é oferecido pela matriz curricular atual. “Em quase nada ficamos devendo. Na Educação Infantil, não há nada que a Base peça que nossa matriz já não observe e vá além; no Fundamental, haverá a inclusão de poucos componentes curriculares e alguns rearranjos etários”, diz a diretora.

É o que ocorrerá, por exemplo, na área das Ciências da Natureza. Hoje, no Sabin, predomina a Biologia no currículo de 6ª a 8ª ano, sendo apresentadas a Física e a Química apenas no 9º ano; pela BNCC, conceitos das três ciências serão distribuídos equitativamente ao longo do Fundamental II.

“Estudamos como resolver essas questões sem criar lacunas ou redundâncias na formação de nenhum aluno”, diz Giselle Magnossão, indicando que a primeira decisão foi a mudança gradativa do currículo: em 2019, a Educação Infantil e o Fundamental I já estarão adequados à BNCC; em 2020 será a vez do Fundamental II.

E ainda há outros aprendizados previstos na BNCC que o Colégio promove fragmentados em mais de uma disciplina. “Há habilidades de Artes, por exemplo, que trabalhamos nas aulas de Arte, Educação Física, Educação Psicomotora e Música”, diz a diretora.

**Para os pais, a maior mudança sentida não será no que seus filhos aprendem,** mas na maneira como a BNCC organiza e classifica os aprendizados. Em vez de disciplinas, a Base passa a estruturar a Educação Infantil em “campos de experiência”, e o Fundamental em “áreas de conhecimento”, cada uma com “componentes curriculares” respectivos. Cada campo de experiência e componente curricular é detalhado em dezenas de conhecimentos e habilidades esperadas a cada etapa da vida escolar. Como exemplo, no campo “Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação”, espera-se que crianças de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses saibam “relatar

experiências e fatos acontecidos, histórias ouvidas, filmes ou peças teatrais vistos, etc.”. Mais à frente, em História, alunos do 6º ano devem saber “diferenciar escravidão, servidão e trabalho livre no mundo antigo”. Tudo isso buscando atender ao que a BNCC definiu como 10 competências gerais (v. quadro).

Para Giselle Magnossão, não é mera questão terminológica. “A linguagem não é neutra. Para nosso projeto de nação, é, de fato, um avanço conceitual garantir um núcleo comum à educação de todos os brasileiros, no qual se usa o termo ‘direitos de aprendizagem’”, diz ela. (A BNCC define como direitos da criança na Educação Infantil: conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se.)

Suzy Vieira, coordenadora do AB Sabin, diz que a BNCC “dá ênfase à perspectiva interdisciplinar da formação da criança com os chamados ‘campos de experiências’”, notando que essa já era a visão praticada nos dois colégios.

Já Dionéia Menin, coordenadora da Educação Infantil e do Fundamental I do Sabin, considera que um dos pontos mais importantes da BNCC é marcar que as “aprendizagens essenciais” são mais amplas que qualquer disciplina: “O raciocínio inverteu-se. Para ser protagonista de sua vida, o cidadão precisa de conhecimentos e habilidades para lidar com o mundo; então, precisamos decidir que conhecimentos e habilidades são essas, de forma unificada, como nação, e só então pensar como atender à demanda para desenvolvê-los”.

## COMPETÊNCIAS GERAIS

A BNCC estabelece 10 competências a serem desenvolvidas ao longo da Ed. Básica:



# Biblioteca: modos de usar

Como a biblioteca escolar pode ser usada para promover aprendizados diversos sobre a leitura.

**Os melhores livros não se despedem de nós depois da última página.** Eles ressoam ainda, alguns pela vida inteira, contribuindo com alguma parte de quem somos, influenciando nossos atos, valores e sentimentos. Tampouco nossa relação com um livro começa apenas quando o abrimos pela primeira vez: o que sabemos da obra de antemão, o que nos fez chegar até ela e o que esperamos encontrar, tudo isso, de certa maneira, já nos coloca no papel de leitores antes de virarmos a capa.

Para educadores, perceber a leitura como atividade que antecede e extrapola o contato com o livro é fundamental. Por essa visão, formar leitores significa muito mais do que fazer com que alunos leiam uma lista de obras. Significa capacitá-los a explorar uma gigantesca biblioteca universal, tornando-os aptos a pesquisar e a escolher o que querem ler no mundo; a compreender e a interpretar textos; a comparar leituras, com outras leituras e com suas experiências de vida; a se inspirar, a se emocionar e a extrair reflexões e aprendizados do processo. Todo um arsenal de habilidades que os alunos do AB Sabin e da Educação Infantil e Fundamental I do Sabin estão começando a conquistar.

Nos dois colégios, alunos do Maternal em diante têm uma aula de biblioteca por semana (no Sabin, até o 4º ano; a partir do 5º, as visitas à Biblioteca já não são mais sistematizadas na grade semanal). Embora as atividades de leitura não se limitem à biblioteca, trata-se de ambiente adequado para a criança aprender a se relacionar com a leitura no sentido mais amplo. Não só por propiciar o contato direto com livros variados, mas por ser um espaço regido por regras comuns a todos – primeiro indicador de que a literatura e as letras em geral são um patrimônio coletivo.

“O uso da biblioteca é um aprendizado social”, diz Karla Ramos, assessora de Língua Portuguesa da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I do Sabin. “No início do ano, nosso bibliotecário dá uma aula inaugural aos alunos do Maternal ao 4º ano, para explicar as regras da

biblioteca escolar”. Entre as regras, enumera a assessora, estão o respeito, “pois a biblioteca é também ambiente de estudo”; a conduta disciplinada, sem correria; e o conhecimento do critério de organização das obras nas estantes. Karla ainda lembra a regra fundamental dos empréstimos: “O direito de retirar outro livro vem acompanhado de devolver o primeiro”. Orientações, em suma, que mostram ao aluno como agir com respeito aos colegas, aos demais usuários e aos livros em si.

**É evidente, no entanto, que não só de regras se constrói a relação entre livros e leitor.** Na obra *Como usar a biblioteca na escola*, a educadora americana Carol Kuhlthau propõe um programa em etapas, da Educação Infantil ao término do Fundamental, que não por acaso coloca como objetivo inicial promover nas crianças uma atitude positiva – um encantamento – em relação ao universo dos livros e das histórias infantis.

Para a autora, isso vai desde propiciar conforto e acessibilidade para as crianças se sentirem à vontade – por exemplo, com tapetes e almofadas no chão e estantes de livros à altura dos alunos – até a realização de atividades diversas, em especial os “3 Ds” – discussão, desenhos, dramatizações –, por meio dos quais as crianças se engajem com a literatura, exercitem a empatia pelos personagens e “entrem” na história, criativa e criticamente.

Tais recomendações não diferem muito de como as professoras conduzem as atividades de leitura no Sabin e no AB Sabin. Segundo Karla Ramos, seja em rodas de contação de histórias (para os pequenos), seja em leituras compartilhadas (nas turmas já alfabetizadas), as sequências didáticas são sempre feitas em três etapas: pré, durante e pós-leitura. “Em qualquer dessas etapas, podemos propor desenhos e discussões, antevendo o que será lido, comentando o desenrolar do enredo ou, ainda, debatendo o final. Dramatizações também; os mais novos gostam muito”.



Alunos do 4º ano G na biblioteca do Sabin: aprendendo a escolher, buscar, comparar e apreciar leituras.



Isso sem falar nas atividades dos demais componentes curriculares que, inspiradas na leitura de livros de literatura, reforçam a ligação da criança com os personagens e o enredo, enquanto promovem aprendizados. Caso do Maternal II do AB Sabin, cuja leitura de *Dudu e a Caixa*, no primeiro trimestre, gerou brincadeiras com caixas de papelão transformadas em carros, casas e tapetes voadores – no processo, transmitindo conceitos matemáticos, linguísticos e científicos para os pequenos fãs do Dudu. “Quando a história encanta, a gente expande facilmente essa leitura para outras disciplinas”, diz a professora da turma, Gislaíne do Nascimento.

Mas, enquanto atividades mais dinâmicas podem ser feitas sem problemas em sala de aula, num pátio ou num bosque, na biblioteca escolar outras atividades se mostram mais adequadas, com outras oportunidades de aprendizado.

Em aulas de biblioteca com leitura livre, por exemplo, a criança escolhe o que ler – e nessa simples ação há o exercício de percorrer estantes, examinar capas, folhear, colocar o livro no carrinho de devolução ou sentar com ele para ler. Mesmo para crianças não alfabetizadas, diz Suzy Vieira, coordenadora pedagógica do AB Sabin, há aprendizado: “Eles estão ensaiando procedimentos de leitura, como segurar o livro e passar as páginas, e pela imaginação ou memória estão criando ou relembando enredos, com ajuda das ilustrações”. Em outras palavras, os alunos estão

descobrimo que existem mundos além do real, e aprendendo a navegar por eles.

Levar livros emprestados para casa, por sua vez, também tem muito a ensinar a uma criança: não só pela responsabilidade de preservar e devolver o livro, como já citado, mas pela oportunidade de engajar os pais. “A criança precisa de modelos para se tornar leitora”, diz Karla Ramos.

Outra atividade comum na biblioteca do Sabin conta com a ajuda do bibliotecário para selecionar títulos diversos sobre um mesmo assunto, ou de um mesmo autor. Uma maneira de ensinar os alunos a comparar diferentes linguagens e abordagens e a motivá-los a expandir seus interesses. “Criança adora repetir o mesmo livro – e tem todo o direito”, diz Karla, “mas é importante estimular novas descobertas”.

Com o tempo, essa busca nem precisa mais ser motivada: o sucesso do livro *Felpe Filha*, adotado no 3º ano, por exemplo, foi o suficiente para que grande parte da turma quisesse conhecer outras obras da escritora Eva Furnari. Da mesma forma, no 5º ano, muitos alunos, encantados com a adaptação de Fernando Nuno para *A Volta ao Mundo em 80 Dias*, já começam a buscar outros grandes clássicos da literatura. Provas de que a escola está, efetivamente, conseguindo formar leitores, aos quais continuará ajudando, promovendo neles as competências necessárias para que possam desbravar o mundo dos livros por conta própria.



## O que o cinema tem a ensinar

Projeto de documentários sobre direitos humanos é exercício de empatia, argumentação e consciência crítica.

“**Todos nascemos com uma certa bagagem**”, dizia o crítico de cinema norte-americano Roger Ebert, um dos mais respeitados de seu ofício. “Nós somos quem somos: o lugar onde nascemos, a pessoa que éramos ao nascer, o modo como fomos criados. Estamos como que presos dentro dessa pessoa, e o propósito da civilização e do crescimento é sermos capazes de ir até outras pessoas e de sentir empatia por elas. E, para mim, o cinema é como uma máquina de gerar empatia”.

Os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental do Sabin também têm suas bagagens de nascença. Mas um projeto conduzido pelos professores de Geografia, História, Língua Portuguesa e Produção de Texto tem propiciado à turma visitar outras realidades e enxergar o mundo pelos olhos de gente com bagagens bem distintas das suas: alunos de escolas públicas, pessoas com deficiência, moradores de rua, refugiados, mulheres vítimas de agressão, crianças exploradas como força de trabalho. E é justamente por meio do cinema – do estudar cinema e do produzir cinema – que isso tem sido feito.

Trata-se da segunda edição de um projeto iniciado em 2017, em que alunos do 9º ano roteirizam, dirigem e edi-

tam documentários de curta-metragem sobre um tema de natureza interdisciplinar. No ano passado, foram as paisagens urbanas que formam a cidade de São Paulo, como o bairro da Liberdade, a Avenida Paulista ou o “Beco do Batman”, na Vila Madalena. Neste ano, os alunos voltam sua atenção e câmeras para grupos de pessoas que não têm seus direitos fundamentais garantidos. No momento global atual, poucos temas seriam mais relevantes.

Em primeiro lugar porque 2018 marca tanto os 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, pela Organização das Nações Unidas (ONU), como os 30 anos da Constituição Brasileira de 1988, a chamada Constituição Cidadã. Em segundo lugar porque, não obstante o significado da data, como apontou a doutora em Direito Carolina Alves de Souza Lima, em entrevista à última edição da Revista do Sabin, vários países ainda vivem “uma realidade de intolerância e desrespeito aos direitos humanos”, com muita gente demonstrando “expressiva ignorância” sobre quais seriam tais direitos e por que precisam ser defendidos.

É, portanto, mais que apropriado que os alunos do 9º ano busquem compreender o que, de fato, significam direitos humanos, realizando pesquisas, compilando dados

e ouvindo representantes de grupos diretamente interessados no assunto. Ainda mais porque, como nota a professora de História Maria Isabel Fragoso, há uma convergência natural do tema com o conteúdo estudado por eles em sala de aula. “Enquanto o Felipe [Bandeira, professor de Geografia] falava de globalização – e de barreiras físicas e culturais do mundo contemporâneo, da situação dos refugiados em várias partes do mundo –, eu estava falando sobre a Revolta da Vacina no início do século XX, que remete a políticas de higienização urbana e à formação das favelas no Rio de Janeiro”, diz Maria Isabel.

“O tema Direitos Humanos exige um diálogo entre diversas áreas de conhecimento”, diz a professora de Produção de Texto Eloisy Pierre. Segundo a professora, um dos objetivos do projeto será fazer com que os alunos percebam as limitações e os equívocos comuns ao debate sobre o tema. Que saibam desconstruir o discurso do senso comum para construir um outro mais fundamentado e, principalmente, mais humano. Um discurso que, para o projeto, usará a linguagem do cinema documental.

**Formado em Sociologia, Direito e Geografia, Alexandre Buccini é cineasta** e prepara uma tese de doutorado em Sociologia do Cinema, pela Universidad Nacional de Cuyo, em Mendoza, na Argentina. No primeiro semestre deste ano, quando os 9ºs anos estavam começando a dividir-se em grupos e a escolher os tópicos específicos de seus documentários – “desigualdade social”, “mulheres negras”, “homofobia”, etc. –, ele veio ao Sabin falar aos alunos sobre direitos humanos e cinema.

“Minha maior surpresa – talvez reflexo do trabalho do Colégio, talvez característica da geração – foi ver que eles não trazem o entendimento preconceituoso do que seriam direitos humanos”, diz Buccini. “Muita gente imagina que isso é ‘coisa de bandido’. Não é o caso dos meninos do Sabin”.

Buccini elogia a iniciativa do projeto, aproveitando para discorrer sobre o uso pedagógico do cinema, tema de sua tese de doutorado. “É uma arte que reúne diversas linguagens, considerada por grandes pensadores como a arte de maior capacidade de persuasão”, diz ele. “Só por isso, tratar Direitos Humanos ou outro tema fundamental com o cinema é uma forma bastante eficaz de sensibilização”. Ele nota, porém, que é necessário que a escola treine o olhar do aluno para enxergar o discurso de uma obra – que, justamente pela força persuasiva do meio, pode passar despercebido. “Cinema é entretenimento, e a gente pode ser levado a ‘desligar’ o cérebro enquanto se distrai”.

E, se consumir cinema de forma crítica já é um aprendizado valioso, para Buccini, fazer cinema pode ter efeito ainda mais transformador. “Ao realizar um documentário, o aluno está num processo de alteridade, de enxergar junto, de ouvir o que o outro tem a dizer”, diz. Segundo ele, o documentarista apresenta ao espectador o que seus ‘personagens’ dizem, enquanto comunica um pensamento próprio. “Você usa a voz do seu entrevistado para desenvolver ideias”.

Além de usar, é claro, técnicas de cinematografia – como enquadramento, luz e som – que ajudam a reforçar a mensagem pretendida. Em sua palestra aos alunos, por exemplo, Buccini ensinou como documentários contemporâneos têm abolido o uso da narração (“é melhor falar com imagens”); como a mera posição de câmera pode diminuir um personagem (se filmado em *plongée*, de cima para baixo) ou enaltecê-lo (em *contra-plongée*, de baixo para cima); quais aplicativos ou acessórios para celular podem melhorar a qualidade da imagem obtida. Lições valiosas aos jovens cineastas do 9º ano, que, após meses de pesquisa, captação de imagens, gravação de entrevistas e elaboração de roteiro, devem concluir a edição de seus filmes até o fim do ano letivo. Quando, então, serão obras capazes de promover – no público e nos próprios realizadores – empatia e crescimento.



Fernanda Meireles, professora de Língua Portuguesa do 9º ano, exhibe cartazes de documentários produzidos por alunos do ano passado.

# Redescobrimo as próprias metas e sonhos

Rodas de diálogo ajudam alunos a encarar angústias com maturidade.

## A última segunda-feira de maio amanheceu com o País em estado de tensão e incerteza.

Fazia uma semana que caminhoneiros haviam deflagrado uma paralisação em protesto contra os reajustes do preço do diesel, e milhões de brasileiros tentavam lidar com a mobilidade comprometida por falta de combustível, a ameaça de escassez de produtos nos mercados e outros impactos da greve.

Naquela manhã, porém, os alunos da 2ª série E do Ensino Médio do Sabin tinham preocupações de outra natureza em mente. Reunidos no Espaço Maker do Colégio, eles participavam de um encontro com o psicólogo e consultor em Psicologia Escolar Ricardo Frenkiel, que faz a mediação de rodas de diálogo com cada uma das turmas de 1ª e 2ª séries do Médio. Como estratégia inicial para “quebrar o gelo”, Ricardo pediu que os alunos conversassem entre si sobre tópicos variados, como séries favoritas, medos, sonhos e, sim, suas opiniões sobre a greve dos caminhoneiros. Mas logo um tema ganhou proeminência sobre os demais e dominou o restante da hora e meia de dinâmica conduzida pelo psicólogo: a pressão que a maioria da turma dizia sentir para ter bom desempenho nos estudos e no vestibular.

O psicólogo ouviu as queixas sem oferecer respostas ou soluções, apenas devolvendo perguntas aos alunos. Se falavam em “pressão”, ele pedia: “Definam pressão”. Se reclamavam de ter de “decorar um negócio que só serve para o Enem, mas que não vai fazer diferença para a vida”, indagava: “E o que vocês precisam para a vida?” E, ao perceber que a conversa girava em torno do que pais e professores espera-

riam dos alunos (“eles acham que...”, “eles querem que...”), ou de como o modelo de vestibular seria imperfeito, Ricardo propunha: “Vamos tentar ser protagonistas? O que vocês podem fazer a respeito? O que está dentro da sua esfera de competência poder mudar?”

Ricardo não queria provocar, e a turma sentia isso. Sua intenção – o principal objetivo das rodas de diálogo que o Sabin tem promovido com os alunos do Médio – era a de convidá-los a olhar para seus problemas de outro ponto de vista. De uma perspectiva em que pudessem ver como tais problemas não se originam de nenhuma prova ou tarefa específica, nem de vestibulares difíceis ou de pressões familiares, mas de questões bem mais profundas. Questões que, com a atitude certa, podem ser administradas.

**Segundo Ricardo Frenkiel, a ideia das rodas de diálogo é criar um espaço para os alunos falarem livremente** sobre os temas que mais lhes interessam, identificar angústias coletivas e propor ferramentas para que eles próprios possam resolvê-las, ou ao menos lidem com elas de maneira mais produtiva.

Após uma primeira rodada de encontros no primeiro semestre, duas dessas “angústias coletivas” ficaram evidentes para o consultor e a Coordenação. “Em geral, as 1ªs séries trazem questões relativas a relacionamentos e vida social”, diz Ricardo, notando que, na passagem do 9º ano para a 1ª série, alguns grupos de amigos formados durante o Fundamental (turmas da manhã e à tarde) são desfeitos para se encaixarem em uma nova grade horária (aulas regulares só pela manhã). Já para as 2ªs séries, os estudos e a iminência do vestibular são as maiores fontes de preocupação.

Para a coordenadora do Ensino Médio, Áurea Bazzi, o diagnóstico não surpreende nem reflete incômodos específicos aos alunos do Sabin, mas aflições próprias à atual geração de adolescentes, que vêm inquietando educadores em diversas escolas. “Tem-se notado certa falta de autoconfiança nessa geração, certa tendência ao ‘entreguismo’: ‘Não consigo, não sou capaz’”, diz Áurea. “À medida que ficam mais velhos e as demandas sobre eles aumentam, muitos jovens têm deixado de tentar, de almejar e de sonhar”.

De acordo com Ricardo, tanto a baixa autoconfiança quanto a dificuldade em se relacionar – que, no extremo, manifesta-se em casos de *bullying* – sentidas pelos jovens de hoje explicam-se, em parte, por um mesmo elemento onipresente da vida moderna: as redes sociais.

Em primeiro lugar, diz o psicólogo, a maior parte das relações mediadas pelas novas tecnologias, mesmo para quem tem centenas de “amigos” ou “seguidores”, são “vínculos frágeis”, não fundamentados em valores. E vínculos que promovem comparações e parâmetros de realização pessoal nada saudáveis. “O jovem sente que precisa desempenhar um papel social mais para o outro do que para si mesmo”, diz Ricardo. “Mas, quando o outro é seu parâmetro, as frustrações são maiores, porque cada um tem sua potencialidade”. Áurea confirma a avaliação do consultor: “Eu ouço os alunos se queixarem de que, nas redes, todo mundo está feliz o tempo todo”.

O problema de fundo, argumenta Ricardo, não é que eles não sejam capazes de bom desempenho – nos estudos, no vestibular, nas relações –, mas que muitos perdem de vista o porquê de se esforçar e enfrentar desafios. Desempenhar para o outro não motiva, dá preguiça (não por acaso, nas rodas de diálogo, a “preguiça” foi apontada por 85% dos alunos da 2ª série como principal dificultador de seus estudos). “Percebendo isso, nós decidimos lidar com essa questão não focando o aspecto do sofrimento, mas sua alternativa: discutindo metas e projetos de vida”, diz Áurea Bazzi.

É um dos pontos que Ricardo Frenkiel tem buscado enfatizar nas rodas de diálogo. “Queremos fazê-los ver que os estudos difíceis e o vestibular concorrido têm menos a ver com aceitação familiar ou sucesso profissional e mais com o desenvolvimento pessoal de cada um, o meio para atingir seus sonhos”. Além disso, ele tem convidado os alunos a olhar para os colegas não como espelhos com os quais se comparar, mas como parceiros de jornada. “Eu tenho sugerido que eles conversem mais entre si, organizem grupos de estudo, ajudem-se sabendo que cada um tem suas potencialidades”, diz o psicólogo, que também tem proposto testes e dinâmicas para que os alunos descubram os métodos de aprendizagem e de organização de tempo mais adequados ao perfil de cada um. “A pressão é sobre todos; as provas e lições passadas para um grupo são rigorosamente as mesmas para outro. Então, vamos juntos, que a pressão é menor”.

Para Áurea, as rodas de diálogo são “uma forma de abrir espaço para a expressão das angústias dos alunos e para seu acolhimento; mas não para propor resolver os problemas por eles, e sim para convidá-los a um diálogo maduro sobre o que querem da vida e o que terão de fazer para alcançar”.

# A proficiência no fim da jornada

Mesmo não sendo escola bilíngue, o Sabin consegue promover alto nível de bilinguismo entre seus alunos.

**Em agosto, uma reportagem da Revista Educação buscou explicar por que,** conforme afirmava, “escolas bilíngues crescem a índices bem maiores do que os da educação particular tradicional”. Descritas como “nova tendência educacional”, escolas bilíngues seriam uma alternativa às supostas únicas opções que o brasileiro teria, até recentemente, para se tornar fluente em uma segunda língua: “um curso fora do colégio regular, um professor particular competente, uma das caríssimas escolas internacionais ou o aeroporto mais próximo”.

Mas, embora o interesse por esse tipo de instituição tenha crescido nos últimos anos, vale notar que, por um lado, há certa indefinição terminológica, e algum desconhecimento por parte da sociedade, quanto ao que se pode de fato chamar escola bilíngue e escola internacional. Também que, por outro lado, existem escolas como o Sabin, que, não sendo nem uma coisa, nem outra, oferecem há décadas – com resultados para comprovar – um ensino de segundo idioma que garante ao aluno altos níveis de proficiência. E com bons motivos para justificar o seu modelo.

Em linhas gerais, escolas bilíngues são as que ensinam parte de seu currículo em uma língua estrangeira, que não sejam as aulas da própria língua estrangeira. Como explica Antonieta Megale – coordenadora do curso de pós-graduação em Educação Bilíngue do Instituto Singularidades e professora de curso de extensão sobre bilinguismo na PUC-SP –, “a construção do conhecimento tem de passar por mais de uma matriz linguística”. Ela afirma, porém, que as definições de quanto e qual conteúdo precisa ser ministrado em língua materna e em língua estrangeira são “nebulosas”: “Não temos, no Brasil, uma regulamentação em âmbito nacional [sobre o termo]”.

Segundo a especialista, muitas escolas que se definem como bilíngues oferecem um currículo regular em língua materna e, em período estendido, um programa complementar em língua estrangeira. Por exemplo: o conteúdo teórico de disciplinas como Física ou Química é ensinado em português, e, no contraturno, aulas focadas em experimentos práticos são dadas em inglês. “Dá para pensar mil possibilidades de arranjo”, diz Antonieta. (Já para ser classificada como internacional, a escola responde a órgãos e legislação de seu país de origem, inclusive quanto ao calendário letivo.)

Como resume Denise Araújo, coordenadora do Departamento de Inglês do Sabin, escolas bilíngues, com programas bilíngues complementares ou escolas internacionais “ensinam por meio de língua estrangeira; no Sabin, optamos por ensinar a língua estrangeira”. Um ensino que, afirma Denise, garante ao aluno atingir o bilinguismo português-inglês até o fim do Ensino Médio. “O nível de proficiência mínimo a que nossos alunos saem expostos, de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (CEFR), é o B2”.

Segundo Giselle Magnossão, diretora pedagógica do Sabin, nesse nível, o aluno é capaz de “argumentar de maneira sofisticada sobre qualquer tema, escrever ensaios e resenhas críticas; não é apenas pedir orientações no aeroporto ou comprar lanche” (*v. quadro para entender o CEFR*).

Para Giselle, os resultados do Sabin comprovam não ser preciso um programa bilíngue para garantir o ensino de Inglês.




Denise Araújo aponta outros motivos para a escolha do Sabin. “Ter aulas de outras disciplinas em inglês pode representar mais horas de prática comunicativa, mas não

necessariamente reforça o domínio de estruturas linguísticas, como regras gramaticais”, diz a coordenadora.

Além disso, diz ela, o projeto de Inglês do Sabin traz em si diferenciais em relação ao restante da matriz regular que potencializam o ensino do idioma, como aulas com turmas reduzidas desde o 2º ano do Fundamental (no máximo, 15 alunos por turma, algo não garantido por escolas bilíngues) e as quatro horas semanais a partir do 6º ano. “O ensino de Inglês – como tudo mais no Sabin – tem de ser encantador, motivador. E entendemos que essa quantidade de horas é uma medida ótima, supre nossos objetivos, sem o risco de cansar os alunos”.

É o suficiente, afirma Denise, para dar ao aluno “um nível de conhecimento rico, que o deixe confortável em situações acadêmicas, profissionais e sociais. O aluno sai preparado para cursar qualquer universidade fora ou fazer entrevistas de emprego em multinacionais tranquilamente”.

## ENTENDA O QUADRO EUROPEU COMUM DE REFERÊNCIA PARA LÍNGUAS (CEFR):

 <p>FALANTE BÁSICO</p>	<p><b>A1</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Usa expressões do dia a dia e frases básicas para satisfazer demandas concretas.</li> <li>• Sabe dar detalhes da vida pessoal: onde vive, quem conhece, o que possui, etc.</li> <li>• Interage de forma simples com nativos dispostos a ajudar (com fala clara e pausada).</li> </ul> <p><b>A2</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Usa expressões referentes a áreas familiares (compras, geografia local, emprego, etc.).</li> <li>• Comunica-se com troca de informações curtas e precisas em situações familiares.</li> <li>• Descreve superficialmente conhecimentos, onde vive e necessidades imediatas.</li> </ul>
 <p>FALANTE INTERMEDIÁRIO</p>	<p><b>B1</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Entende pontos principais de assuntos do dia a dia (trabalho, escola, lazer).</li> <li>• Lida com situações cotidianas no país estrangeiro (viagem de turismo).</li> <li>• Produz textos simples sobre áreas familiares e de interesse.</li> <li>• Descreve experiências, eventos, sonhos, desejos, ambições.</li> <li>• Opina, de maneira limitada, sobre planos e discussões.</li> </ul> <p><b>B2</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Entende ideias principais de textos complexos, sobre temas concretos ou abstratos.</li> <li>• Entende textos técnicos em sua área de especialização.</li> <li>• Interage fluentemente com falantes nativos, sem esforço de nenhuma das partes.</li> <li>• Produz textos claros e detalhados sobre temas diversos.</li> <li>• Defende ponto de vista sobre temas gerais.</li> </ul>
 <p>FALANTE FLUENTE</p>	<p><b>C1</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Entende textos extensos e exigentes, reconhece sentidos e ideias implícitas.</li> <li>• Expressa-se fluente e espontaneamente, sem esforço para achar a palavra adequada.</li> <li>• Usa o idioma com eficiência para fins sociais, acadêmicos e profissionais.</li> <li>• Produz textos claros, bem estruturados e detalhados sobre temas de certa complexidade.</li> </ul> <p><b>C2</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreende com facilidade praticamente tudo o que ouve e lê.</li> <li>• Reconstrói e resume informações e argumentos procedentes de fontes diversas.</li> <li>• Expressa-se com grande fluência e espontaneidade.</li> <li>• Diferencia sutis matizes de significado, mesmo em situações complexas.</li> </ul>

TODO ALUNO SABIN CONCLUI O ENS. MÉDIO EXPOSTO A, PELO MENOS, ESTE NÍVEL DE INGLÊS.



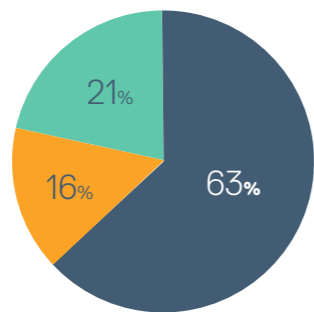
# Sobre ter opinião e ter informação

Pesquisa revela como alunos se informam e se relacionam com meios de comunicação.

Nesta edição, convidamos Denise Aparecida Masson, professora de Produção de Texto e assessora de Língua Portuguesa do Sabin, e Saula Ramos, gerente de projetos do Instituto Palavra Aberta ([www.palavraaberta.org.br](http://www.palavraaberta.org.br)) – entidade sem fins lucrativos dedicada à promoção da liberdade de expressão e de imprensa –, para comentar pesquisa realizada anonimamente, entre alunos do Ensino Médio, sobre consumo e compartilhamento de informações.

## VOCÊ SE CONSIDERA BEM-INFORMADO(A) SOBRE O QUE ACONTECE NO BRASIL E NO MUNDO?

Sim  
Não  
Mais ou menos



**Saula Ramos:** “A grande maioria se considera mal-informada ou mais ou menos bem-informada, mas vejo isso como positivo. Hoje em dia, se alguém acha que sabe tudo que está acontecendo, é porque está mal-informado. É tanta informação de todos os lados, o tempo todo, que é impossível acompanhar. De certa forma, esses números revelam bom senso dos alunos”.

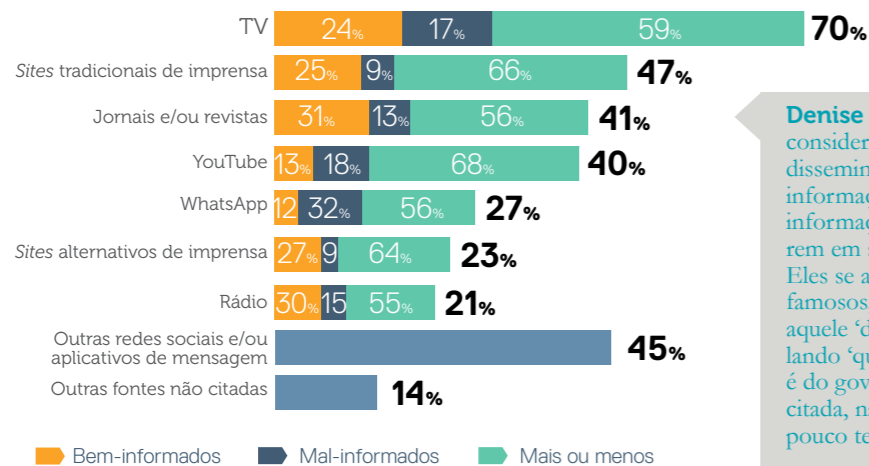
## QUAIS SUAS PRINCIPAIS FONTES DE INFORMAÇÃO? (mais de uma opção possível)

Os índices em preto referem-se ao universo total de alunos.

Ex.: 70% dos alunos citaram a TV como uma de suas principais fontes de informação.

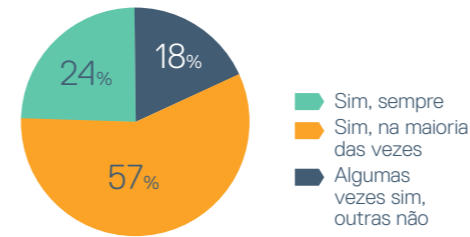
Os índices em branco referem-se ao grau de informação dos alunos que citaram cada uma das fontes.

Ex.: 24% dos alunos que citaram a TV se dizem bem-informados; 17%, mal-informados; 59%, mais ou menos.



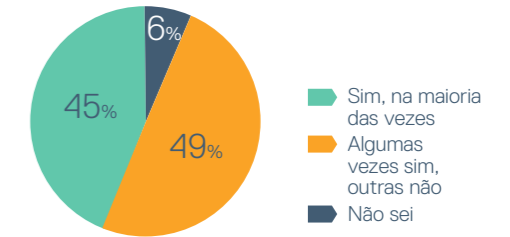
**Denise Masson:** “É um grande problema considerarem o WhatsApp, que é o maior disseminador de *fake news*, como fonte de informação. O YouTube até tem canais de informação, mas o que mais vejo comentarem em sala de aula são canais de opinião. Eles se alimentam das ideias de *youtubers* famosos, que em geral são o senso comum, aquele ‘discurso da feira’, todo mundo falando ‘que o tomate aumentou e que a culpa é do governo’. A TV, mesmo sendo muito citada, na prática nós sabemos que eles têm pouco tempo para assistir.”

## VOCÊ SABE DISTINGUIR ENTRE NOTÍCIA E OPINIÃO?



**Saula Ramos:** “Parece que há um contrassenso aí. Considero que distinguir entre notícias e opiniões – de que os alunos se consideram mais capazes – é mais difícil do que distinguir entre informações verdadeiras e falsas. [Saber o que é opinião ou fato] exige uma leitura mais atenta e interpretação de texto mais qualificada. Já *fake news* costumam ter títulos apelativos, fotos que não condizem com o texto”.

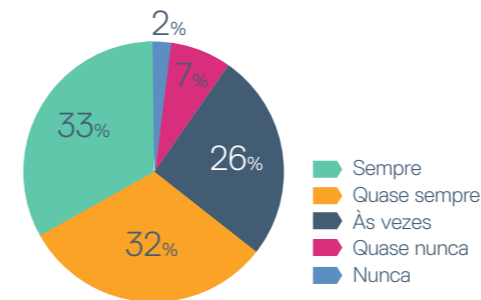
## VOCÊ SABE DISTINGUIR ENTRE INFORMAÇÕES VERDADEIRAS E FALSAS?



**Denise Masson:** “Creio que a forma como a primeira pergunta foi feita explica isso. Os alunos sabem o que é uma notícia, o que é um artigo de opinião; eles estudam gêneros jornalísticos formalmente desde o 8º ano, conhecem suas estruturas. O que é mais difícil é identificar, em artigos de opinião, o que é fato e o que é análise ou posicionamento do autor. Trabalhamos muito isso em sala de aula”.

**Saula Ramos:** “Talvez essa dificuldade em distinguir verdades e mentiras revele um descrédito com a mídia tradicional. Mas não dá para colocar tudo no mesmo pacote. Os veículos tradicionais têm, sim, linhas editoriais e vieses, mas têm CNPJ, jornalistas profissionais, você sabe onde encontrar, podem ser processados, inclusive criminalmente; fontes de boato, não”.

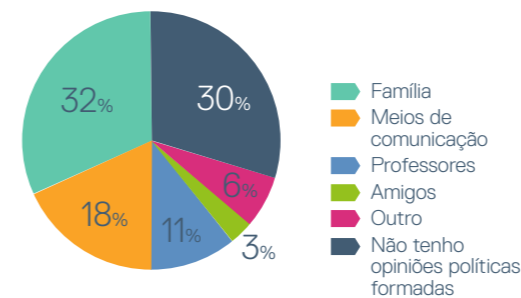
## VOCÊ CONFIRMA A VERACIDADE DE INFORMAÇÕES ANTES DE COMPARTILHAR?



**Saula Ramos:** “32% dizem que quase sempre confirmam antes de compartilhar, mas quase sempre não é suficiente. Mesmo que você confirme 9 de cada 10 notícias que compartilha, essa uma que sobrou pode ser super-relevante. A partir do momento que você compartilha, é sua a responsabilidade”.

**Denise Masson:** “Tem uma questão interessante aí que é a construção da própria imagem na internet: para muita gente, às vezes, compartilhar mesmo sem ter lido algo que parece inteligente serve para promover a sua imagem. Temos discutido muito isso com nossos alunos”.

## QUAL DESSES GRUPOS TEM MAIS INFLUÊNCIA SOBRE SUAS POSIÇÕES POLÍTICAS?



**Saula Ramos:** “A família tem sempre papel importante na formação do jovem. Mas é interessante notar que é justamente nos grupos de família [de aplicativos de mensagem] que ocorre a maior proliferação de *fake news*. É onde você se sente confortável para compartilhar informações sem checar antes”.

**Denise Masson:** “A família é mais influente que a escola e os meios de comunicação juntos! Por mais que a imprensa informe e a escola ensine, que se trabalhe com dados e construções argumentativas sólidas, em muitos aspectos o poder do afeto é superior ao poder da ciência”.

Dados obtidos em 94 questionários, respondidos anonimamente, entre os dias 8 e 22 de junho, representativos de 19% dos alunos do Ensino Médio.

## Internet e redes sociais: use com moderação

**A cada dez adolescentes americanos, três afirmam trocar mensagens de texto com pessoas de quem estão fisicamente próximos,** e 53% deles consideram importante a quantidade de seguidores que possuem em redes sociais variadas. Esses dados levantados pelo Google em 2016 refletem situações pelas quais passamos todos os dias, mas que se tornaram tão naturais que nem pensamos no impacto que geram em nossas vidas. Você já pensou como seria sua vida sem aparelhos eletrônicos? E antigamente? Como era o dia a dia da população sem a presença da internet?

É claro que, em comparação a 50 anos atrás, algumas atividades que realizamos diariamente ficaram muito mais fáceis, como, por exemplo, conversar com alguém que mora longe ou encontrar informações para um trabalho

escolar. Atualmente, a maior parte dos serviços, como a compra de produtos *on-line* ou a troca de mensagens de texto, é realizada instantaneamente, a quantidade de informações disponíveis é enorme e tem origem nas mais variadas fontes. Isso torna necessário um processo de seleção por parte de cada usuário, para separar o que interessa do que não interessa.

Nos dias de hoje, existem redes sociais para publicar todos os tipos de mídia, e a maior parte dos *smartphones* tem aplicativos próprios para compartilhamento de dados, o que integra e aproxima cada vez mais a população mundial. Por outro lado, após se cadastrar em algumas dessas redes, o usuário passa a receber muitas notificações, o que pode levá-lo a usar demais e irresponsavelmente os aparelhos eletrônicos.

Outro problema envolvendo as redes sociais é a criação de perfis falsos e o compartilhamento de informações que não são verdadeiras. No Brasil, os responsáveis pela criação de perfis falsos podem ser acusados por crime de falsa identidade, equivalente à fraude de cartão de crédito ou à falsificação de documentos. Já no caso das chamadas *fake news*, cabe à própria rede tirar a publicação do ar, e o caso pode chegar à Justiça se o atingido quiser uma indenização. Além da responsabilidade que recai sobre a empresa de instruir seus usuários, cabe a cada um deles decidir com quais perfis interagir e dos quais consumir informações.

A internet pode trazer muitos benefícios se utilizada com responsabilidade e sem excessos, e isso depende do usuário. Se soubermos equilibrar o tempo dedicado a afazeres e à vida social com a utilização das mídias sociais, podemos ter uma relação saudável com as novas tecnologias. Por um lado, será possível realizar um número cada vez maior de atividades por meio de telefones celulares e computadores; por outro, haverá a necessidade crescente de maturidade no uso desses aparelhos e de controle por parte das autoridades.



Lara Medeiros é aluna do 9º ano do Ensino Fundamental.

*A internet pode trazer muitos benefícios se utilizada com responsabilidade e sem excessos, e isso depende do usuário.*

## Ultrapassar fronteiras e abrir horizontes

**Você já parou para pensar que pode conhecer muito sobre o mundo em que vive com apenas um clique?** A internet, atualmente, constitui um dos meios mais sofisticados de comunicação, pelo qual é possível haver uma troca de informações em nível globalizado. Ela veio para encurtar as distâncias, uma vez que pessoas podem ver umas às outras, em tempo real, através da tela do celular ou do computador, independentemente do lugar do planeta em que estão. E essa é apenas uma entre milhares de oportunidades que a *web* nos traz.

Antigamente era necessário ler enciclopédias para consultar determinados assuntos, e, para isso, muitas vezes, pessoas tinham de se deslocar de suas casas até bibliotecas. Hoje, em uma sociedade cada vez mais globalizada e dinâmica, é possível, de forma extremamente simples, acessar informações constantemente atualizadas. Jornais, dicionários e revistas, por exemplo, estão inseridos nesse sistema digital. Por esse motivo, importantes conhecimentos estão sendo cada vez mais difundidos pela sociedade.

Atualmente, a economia baseia-se, principalmente, no marketing digital: sistema prático e veloz que auxilia na compra e venda de produtos. O comércio eletrônico se faz por meio de *sites* nos quais empresários podem vender suas mercadorias mundialmente, sem a necessidade de gastos com lojas físicas. Os vendedores podem divulgar seus produtos através de redes sociais, e, uma vez que *tablets* e *smartphones* fazem parte de nossas vidas, essas propagandas tornam-se mais eficazes. Esse método pode, também, trazer maior comodidade aos consumidores, que podem realizar qualquer compra sentados no sofá de sua casa.

A ausência de funcionários e pontos comerciais resulta num custo operacional mais baixo e, conseqüentemente, num valor final mais atrativo.

Pelo fato de estar disponível para um número excessivo de pessoas, a internet pode, por desventura, ser usada também para a prática de atos maldosos ou até mesmo criminosos, assim como para a difusão de muitas *fake news*. Por esse motivo, há de se ter a ciência de que esse não é um meio plenamente ingênuo e confiável.

É inevitável dizer que a internet penetra em praticamente todas as esferas da sociedade. Ela se faz presente em nossa vida familiar, cultural, educacional, social e até mesmo no âmbito econômico. Com ela, ultrapassamos fronteiras e abrimos novos horizontes. Quando utilizada de forma consciente, pode nos trazer diversos benefícios.



Isabella Bernardini é aluna do 9º ano do Ensino Fundamental.

*Hoje, em uma sociedade cada vez mais globalizada e dinâmica, é possível acessar informações constantemente atualizadas.*

# Lições de impacto

O que o Prêmio Impacta Sabin ensinou sobre responsabilidade social e cidadania.

**Não há receita para fazer o bem.** Nos seis meses entre o lançamento do Prêmio Impacta Sabin e a escolha do projeto vencedor, centenas de alunos do Sabin e do AB Sabin e alguns ex-alunos tiveram a oportunidade de fazer o bem de várias maneiras. Entre os 212 projetos inscritos, houve quem quis enfrentar problemas históricos da sociedade brasileira e quem distribuiu afeto; quem se dedicou ao meio ambiente e quem pensou na saúde pública; quem confortou bebês e quem acalentou idosos.

Se o tipo e a escala da ajuda oferecida foram variados, porém, o princípio que inspirou o Prêmio se refletiu em todos os projetos, igualmente: a ideia de que, para mudar o mundo, basta a percepção de um problema e a vontade de fazer algo. Entre os frutos do Impacta Sabin, esse aprendizado foi um dos mais importantes. Mas não o único.

Como notou Gustavo Fuga – fundador da rede de escolas de idiomas 4You2, voltada para jovens da periferia de São Paulo, e um dos jurados do Impacta Sabin –, o Prêmio demonstrou como, para gerar impactos positivos na sociedade, não é preciso criar um projeto do zero. Entre os 25 projetos semifinalistas, alguns consistiam simplesmente em identificar ONGs com trabalhos sérios (distribuição de cadeiras de rodas, fabricação de perucas para pessoas com câncer, etc.) e doar os materiais de que precisam (tampinhas e lacres de alumínio, mechas de cabelo). Simples e eficaz.

Para outro jurado, o empreendedor social Thiago Salles – criador da Hamburgada do Bem, projeto que promove eventos recreativos e educativos em comunidades carentes de São Paulo –, algumas equipes mostraram como é importante para o cidadão comum levar ao poder público



propostas de ação social. Dois dos projetos semifinalistas, por exemplo, consistiam na adoção e revitalização de praças públicas, compromissos firmados com a Secretaria de Meio Ambiente de Osasco e com a Subprefeitura do Butantã, respectivamente.

Outra lição a se extrair é a de que nenhuma ação é pequena demais que não tenha valor. Sem precisar “abraçar o mundo”, alguns dos projetos que mais emocionaram os jurados afetavam poucas pessoas, mas cada uma, individualmente, de uma forma incrível – como a apresentação de músicas antigas para idosos em casas de repouso, ou a confecção de polvinhos de lã para fazer companhia a crianças prematuras isoladas em incubadoras.

Ao mesmo tempo, como apontou a jurada Mariana Serra – fundadora da Volunteer Vacations, agência de turismo voluntário –, várias equipes demonstraram como as novas tecnologias podem dar maior escala a projetos sociais. Não faltaram exemplos de projetos com contas no Instagram para ampliar o alcance de suas campanhas, além de plataformas digitais que conectavam doadores e instituições beneficentes, ou bichinhos perdidos e seus donos, entre outros usos. Para o historiador Sidney Leite, pró-reitor acadêmico do Centro Universitário Belas Artes e último dos jurados do Prêmio, embora se viva hoje uma “quarta Revolução Industrial”, em que “a tecnologia proporciona coisas fascinantes”, esse potencial pode ser desperdiçado por uma sociedade “narcisista e individualista”. O que, ele constata animado, não parece ser o caso dessa nova geração.

Confira todos os projetos inscritos no Prêmio Impacta Sabin: [www.sabin25anos.com.br](http://www.sabin25anos.com.br)